Commentarium, vol. 2 (2026), pp. 277-280
https://doi.org/10.34640/cjhs2_2026_69

Commentarium
JOURNAL OF HUMANITIES STUDIES
CJHS

CRITICAL REVIEW

João Constâncio, *Três Discursos sobre Eros: Meditação sobre o* Fedro *de Platão*. Lisboa: Tinta da China, 2025. Pp. 281. ISBN 978-989-871-902-8.

João Emanuel Diogo

Universidade de Coimbra, Portugal
https://orcid.org/0000-0002-5324-6800

Publicada em 2025 pela editora Tinta da China, na prestigiada coleção Ensaio Aberto do IFILNOVA e da PUC-Rio, esta obra representa uma contribuição não apenas para os estudos platónicos, mas também para a reflexão filosófica contemporânea sobre o amor, o desejo e a experiência estética. Não é, no entanto, inocente que esta reflexão seja subtitulada de *meditação*. Se sabemos que a palavra foi ao longo de séculos utilizada por filósofos (recordemos Marco Aurélio, Descartes, Husserl ou Heidegger), também sabemos que dirige o ensaio não para uma pura leitura filológico-filosófica, como um grande comentário, mas para aquilo que o autor, neste caso, João Constâncio intui do texto e extrapola. Apesar da frase inicial que se projeta como um objetivo ("Este livro é sobre o que se diz acerca de *erōs* no diálogo *Fedro*, de Platão", p. 9), na verdade, o autor subtrai — intencionalmente — o *Fedro* da compreensão total da obra platónica, para lhe acrescentar algo propriamente *meditativo*: a sua abordagem ao texto como momento da obra platónica que se isola e, por isso, se aprofunda. Esta é, ao mesmo tempo, uma forma de potenciar o texto, mas também uma possibilidade de cair na sobre-interpretação. Exemplo desta sobre-interpretação encontra-se logo na primeira página, onde o autor pretende dar a conhecer ao leitor os discursos que Platão reproduz no *Fedro*, começando por "[ater-se] ao texto de Platão" (p. 9) para logo voar sobre ele. Traduz Constâncio de Platão (227a): "Ó querido Fedro, então de onde vens e para onde vais?" — precisamente a frase com que Platão abre o diálogo. E do trecho assevera: "Esta pergunta é feita pela personagem Sócrates, e é difícil resistir a lê-la como uma interpelação existencial, uma pergunta sobre o caminho por onde a outra personagem do diálogo, o jovem Fedro, tem conduzido a sua vida, bem como sobre o rumo que pretende dar-lhe no futuro" (p. 9). A pergunta que podemos escrever à margem é a de

* **CONTACT João Emanuel Diogo** Email: joaoediogo@gmail.com

© 2026 The Author(s). Published by *Commentarium: Journal of Humanities Studies*. This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives License (http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/), which permits non-commercial re-use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited, and is not altered, transformed, or built upon in any way. The terms on which this article has been published allow the posting of the Accepted Manuscript in a repository by the author(s) or with their consent.

saber porque é difícil resistir a fazer uma pergunta que nem o próprio Platão colocou no início do seu diálogo, pois é no seu sentido literal e pragmático que ela é entendida e trabalhada no diálogo, servindo apenas como meio para colocar em jogo o discurso de Lísias. Este tipo de sobre-interpretação é, aliás, comum nos diálogos platónicos. Não esquecer que esta mesma frase serviu de mote a outras "meditações" igualmente sobre--interpretativas como as de Marsilio Ficino, Heidegger, Derrida ou Werner.

A tese central de Constâncio é simultaneamente simples e provocadora: *eros* manifesta-se como uma força fundamentalmente ambígua. Por um lado, revela-se enquanto experiência potencialmente destrutiva, marcada pelo desejo de posse, pela perda de controlo racional e pela submersão num mundo de ilusão e aparência. Por outro lado, apresenta-se como experiência sagrada e transformadora que desperta a alma para a interrogação filosófica, abrindo caminho para o encontro com a beleza e a verdade em si mesmas. Esta dualidade constitutiva de *eros* não representa, para o autor, uma mera contradição ou imperfeição do conceito platónico, mas a sua natureza mais profunda e essencial. É precisamente nesta tensão irresolúvel que reside a fecundidade filosófica do pensamento platónico sobre o amor.

A obra articula-se em oito capítulos: o primeiro oferece uma análise dos três discursos do *Fedro* — o discurso de Lísias, o primeiro discurso de Sócrates e a grande palinódia socrática —, estabelecendo as bases conceptuais para toda a discussão subsequente. Constâncio demonstra como estes três discursos não constituem meras variações sobre um tema, mas representam etapas dialéticas na compreensão progressiva da natureza de *eros*. O discurso de Lísias apresenta uma visão utilitarista e redutora do amor, o primeiro discurso socrático expõe criticamente os perigos da paixão erótica, e a palinódia revela finalmente a dimensão divina e filosófica de *eros*, sem, contudo, negar os riscos anteriormente expostos.

Daqui dedica-se Constâncio à contextualização poética e literária do texto platónico, revelando uma das contribuições mais originais da obra. Constâncio demonstra como as imagens platónicas de *eros* têm origem profunda nos poemas de Safo e na tradição lírica grega. Esta análise vai muito além de uma mera identificação de fontes ou influências. O autor mostra que Platão não apenas cita ou referencia a poesia antiga, mas *recria* poeticamente o pensamento sobre o amor, fazendo da filosofia um exercício simultaneamente conceptual e estético. A relação entre filosofia e poesia no *Fedro* não é, assim, de oposição ou subordinação, mas de mútua fecundação. Esta perspetiva permite a Constâncio argumentar que o carácter poético-literário do diálogo não constitui mero ornamento retórico, mas dimensão essencial e incontornável do pensamento platónico sobre *eros*. A beleza da forma não é separável da verdade do conteúdo; antes, a forma literária é já filosofia em ato.

Os capítulos seguintes estabelecem um diálogo erudito e iluminador com interpretações do *Fedro* por algumas das figuras mais centrais do pensamento ocidental: Hegel, Heidegger e Thomas Mann. Este percurso interpretativo revela como o problema platónico de *eros* atravessa a modernidade e a contemporaneidade, assumindo novas configurações sem perder a sua pertinência fundamental. A leitura hegeliana, que Constâncio expõe criticamente, tende a resolver dialeticamente a tensão constitutiva de *eros* numa síntese superior. Já a interpretação heideggeriana, mais próxima da sensibilidade do autor, preserva a dimensão de mistério e abertura do amor platónico. A análise da novela *Morte em Veneza* de Thomas Mann oferece um contraponto literário particularmente rico, mostrando como a experiência moderna de *eros* se debate com os mesmos paradoxos identificados por Platão há mais de dois mil anos.

Uma das teses mais provocadoras e estimulantes de Constâncio surge na parte final da obra: o *eros* platónico, longe de representar uma experiência arcaica ou ultrapassada, emerge como fenómeno *surpreendentemente moderno* de subjetivização e autenticidade. A experiência erótica, tal como Platão a descreve, antecipa dimensões fundamentais da subjetividade moderna: a busca de autenticidade, a valorização da interioridade, a experiência da transcendência na imanência. Ao mesmo tempo, Constâncio não hesita em formular a questão inquietante que perpassa toda a obra: não estará esta experiência da beleza e da verdade através de *eros* irremediavelmente perdida para nós, habitantes de uma época marcada pela racionalização instrumental, pela digitalização das relações e pelo que Bauman chamou de *amor líquido*? Esta interrogação confere à obra uma dimensão existencial que transcende a mera exegese filosófica.

Do ponto de vista metodológico, *Três Discursos sobre Eros* distingue-se pela capacidade de entrelaçar análise filosófica rigorosa com sensibilidade literária e histórica. Constâncio move-se com desenvoltura entre a filologia clássica, a história da filosofia, a teoria literária e a reflexão fenomenológica contemporânea. Esta amplitude de referências — da poesia grega antiga a Proust, de Nietzsche a Lacan — não resulta em ecletismo disperso, mas numa constelação conceptual coerente que ilumina o objeto de estudo a partir de múltiplas perspetivas. O autor demonstra não apenas erudição, mas sobretudo a rara capacidade de estabelecer conexões iluminadoras entre épocas e tradições distintas.

A qualidade da escrita merece particular destaque. Constâncio conjuga rigor conceptual com uma prosa elegante. Esta qualidade estilística não é mero adorno, mas encontra-se em profunda consonância com o objeto estudado: tal como Platão faz filosofia através da beleza da forma literária, também Constâncio pratica uma filosofia que é inseparável da sua realização estética. O autor consegue abordar questões filosóficas complexas — a natureza da alma, a teoria das Ideias, a estrutura dialética do desejo — sem perder a clareza nem recorrer a jargão desnecessário. Em síntese, *Três Discursos sobre Eros* representa uma contribuição maior para os estudos platónicos em língua portuguesa e para

a reflexão filosófica contemporânea. João Constâncio não se limita a interpretar ou a comentar o *Fedro*, mas oferece uma meditação original e profunda sobre a natureza da paixão, da beleza e da verdade. A obra demonstra, de modo convincente, que o pensamento platónico sobre *eros* não constitui mero objeto de estudo histórico ou académico, mas permanece como convite vivo à reflexão sobre a própria experiência do amor, da beleza e do desejo de verdade. Revela, assim, a capacidade de fazer dialogar o pensamento antigo com as questões contemporâneas.

Três Discursos sobre Eros é uma meditação essencial para todos quantos desejam compreender a complexidade do pensamento platónico e a sua permanente atualidade. A força do livro reside na insistência na ambivalência de *eros*: nem puro delírio irracional, nem mero degrau para uma metafísica desencarnada, mas tensão entre perda e acesso à verdade.